

## As trajetórias vividas enquanto sujeito surdo e a (des)construção de múltiplas vivências nos processos de inclusão social e educacional<sup>1</sup>

### The life paths experienced as a deaf subject and the (de)construction of multiple experiences in the processes of social and educational inclusion

Klayton Santana Porto<sup>2</sup>  
Albery Pires França Vasconcelos<sup>3</sup>  
Sátilla Souza Ribeiro<sup>4</sup>

#### Resumo

Este artigo tem como objetivo compreender como as trajetórias vividas, enquanto sujeito surdo, forjam(ram) situações de múltiplas vivências nos processos de inclusão social e educacional e a construção de uma identidade surda. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual utilizo<sup>5</sup> como método investigativo a história de vida e, como estratégia para a construção da fonte de dados, a narrativa autobiográfica. Os resultados evidenciam que minha trajetória como indivíduo surdo é marcada pela busca incessante por inclusão e pelo fortalecimento de minha identidade cultural e linguística. A Libras teve um papel fundamental em minha caminhada, permitindo-me interagir com a comunidade surda e enfrentando os desafios de uma sociedade majoritariamente ouvinte. Contudo, minha experiência também revela a necessidade urgente de políticas públicas efetivas que assegurem acessibilidade em todas as esferas da sociedade, desde a educação até o mercado de trabalho. Uma conquista que deverá ser ampliada para toda comunidade surda, de modo a resguardar sua identidade surda.

**Palavras-chave:** Autobiografia. Pessoa surda. Identidade Surda.

#### Abstract

This article aims to understand how life trajectories, as a deaf subject, shape(d) situations of multiple lived experiences in the processes of social and educational inclusion and in the construction of a Deaf identity. This is a qualitative study, in which I use life history as the investigative method and an

<sup>1</sup> Considerando que este estudo se configura como uma pesquisa autobiográfica, sem a realização de intervenções diretas com seres humanos, não se fez necessária a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Tal enquadramento está em conformidade com a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016).

<sup>2</sup> Pós-doutor em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), doutor e mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, nas áreas de conhecimento Ciências da Natureza e Matemática e do Programa Pós-graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), e do Programa Pós-graduação em Educação da UESB. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino, Formação de Professores, Tecnologias e Saúde (CNPq/UFRB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4024-6737>. E-mail: [klaytonledec@gmail.com](mailto:klaytonledec@gmail.com).

<sup>3</sup> Mestre em Educação Científica, Inclusão e Diversidade pela UFRB; especialista em Formação de Professores em Letras-Libras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e em Língua Brasileira de Sinais pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci. Servidor Técnico-Administrativo da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Possui experiência como Professor de Libras. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1677-169X>. E-mail: [alberyfrn@gmail.com](mailto:alberyfrn@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutora e mestre em Educação pela UFBA; Especialista em Educação Inclusiva pela FTC e em Libras pela UNIasselvi. Certificada pelo ProLibras em Proficiência no Uso e Ensino da Libras e em Tradução/Interpretação da Libras-Português e Português-Libras (UFSC/MEC/INEP). Docente de Libras da UFRB. Participa como docente e desenvolve pesquisas no Curso de Engenharia em Tecnologia Assistiva e Acessibilidade da UFRB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4695-4841>. E-mail: [satila@ufrb.edu.br](mailto:satila@ufrb.edu.br)

<sup>5</sup> O Surdo cuja autobiografia é retratada no texto é o segundo autor deste artigo.

autobiographical narrative as the strategy for constructing the data source. The results show that my trajectory as a deaf individual is marked by an incessant search for inclusion and by the strengthening of my cultural and linguistic identity. Brazilian Sign Language (Libras) played a fundamental role in my journey, enabling me to interact with the deaf community and face the challenges of a predominantly hearing society. However, my experience also reveals the urgent need for effective public policies that ensure accessibility in all spheres of society, from education to the labor market. This is an achievement that should be expanded to the entire deaf community, in order to safeguard Deaf identity as well.

**Keywords:** Autobiography; Deaf person; Deaf identity.

## 1 Introdução

Diferentemente do ouvinte, o surdo encontra-se constantemente em uma situação de necessidade de criar estratégias que favoreçam suas ações, lutas e conquistas frente a uma sociedade predominantemente ouvinte, que carece de conhecimento sobre a experiência do Ser Surdo, conceito esse que carrega diversos significados, como aponta McCleary (2003). Por isso, afirmar que se tem orgulho de ser surdo é um ato político. É o momento em que o surdo começa a desafiar o mundo do ouvinte, fazendo com que este tenha menos controle sobre ele. Quando isso ocorre, abre-se um espaço para transformação. Além disso, sentir orgulho da surdez é um ato de afirmação pessoal, de autoestima (McCleary, 2003).

A comunidade Surda no Brasil desenvolveu uma língua própria, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), que se baseia em experiências visuais. No entanto, o que realmente define uma "pessoa surda"? Como sugere Reis (2006), existem diversas interpretações para esse termo. Trata-se de uma estratégia de poder, de identidade. O que caracteriza esse grupo? São as associações, as organizações locais, nacionais e internacionais de surdos, suas lutas, sua cultura, suas políticas. É uma representação simbólica que não pode ser vista como uma simples comunidade à qual se podem impor normas, mas como uma estrutura robusta que se defende, que impõe suas próprias regras e princípios. Ou seja, uma questão de identidade, mas não qualquer identidade, mas a Identidade Surda.

Ao adotar a Identidade Surda, transforma a surdez em um meio de mobilização social, difundindo a Língua de Sinais e as particularidades da comunidade surda para a sociedade, com o objetivo de promover a acessibilidade linguística e, conseqüentemente, a ascensão social do Povo Surdo. Este termo refere-se ao conjunto de indivíduos surdos que, embora não vivam no mesmo lugar, estão unidos por uma origem comum, como a cultura surda, o uso da língua de sinais, costumes e interesses semelhantes, histórias e tradições compartilhadas, entre outros vínculos (Ströbel, 2006).

Ao dialogar com Stuart Hall (2006), é possível compreender a Identidade Surda como um processo histórico, social e culturalmente construído, e não como um dado biológico derivado da deficiência. Hall destaca que as identidades são produzidas por meio de práticas discursivas e relações de poder, sendo constantemente negociadas e reposicionadas. Nessa perspectiva, a adoção da Identidade Surda pode ser vista como uma forma de resistência e de reconfiguração do lugar social do Surdo: ao assumir a língua de sinais, as narrativas próprias e as tradições da comunidade, os sujeitos surdos deslocam a surdez do campo da falta para o campo da diferença cultural e linguística. Assim, em consonância com Hall, a Identidade Surda não se limita a descrever um grupo, mas atua como um instrumento político de afirmação, que torna visíveis outras formas de ser, de comunicar e de participar da vida social, contribuindo para a luta por reconhecimento, acessibilidade linguística e ascensão social.

Em sua maioria, os surdos começam com a imersão na primeira língua, a Língua de Sinais, para aprenderem a segunda língua, que no caso dos surdos brasileiros é a Língua Portuguesa. Porém, devido à falta de referência sonora, esse processo é árduo, resultando em marcas de desvios na escrita. Os surdos apresentam uma forma particular de registrar o português e trazem para o processo de escrita características peculiares, provenientes tanto de sua língua sinalizada quanto do seu padrão específico de processamento linguístico-cognitivo (Porto, 2018; Porto; Amantes, 2021; Porto; Santana, 2024).

Considerando essas características, o livro *Despertar do Silêncio* (2004), escrito por uma professora surda parcial, Shirley Vilhalva, contém a essência da originalidade de sua escrita, levando em conta sua particularidade linguística, que devido à sua perda auditiva afetou sua relação com a Língua Portuguesa, uma característica presente na escrita de muitos surdos (Vilhalva, 2004). Dessa forma, essa escrita se torna um meio de representação identitária do povo surdo, pois, como afirma Lopes (2000), a representação se concentra na sua expressão material como 'significante': um texto, uma pintura, um filme, uma fotografia. As conexões entre identidade cultural e representação partem da premissa de que não existe identidade fora da representação.

Em *Despertar do Silêncio*, a narradora é protagonista de sua própria história, pois Shirley Vilhalva transita de objeto para sujeito de sua narrativa, descrevendo seu percurso e ligando suas vivências aos fatos e acontecimentos relacionados à comunidade surda, destacando as dificuldades e barreiras linguísticas. Nessa narrativa, é possível compreender o processo vivido e, possivelmente, outros indivíduos poderão se reconhecer nela, percebendo a

complexidade da identidade surda, que não é única, e que esta, apresentada aqui, é uma experiência singular.

De um modo semelhante, porém muito singular, neste texto, busco narrar minha própria trajetória, detalhando de forma cronológica o desenvolvimento de minha identidade surda. Assim, este artigo tem como objetivo compreender como as trajetórias vividas, enquanto sujeito surdo, forjam(ram) situações de múltiplas vivências nos processos de inclusão social e educacional e a construção de uma identidade surda.

Ao optar por escrever sobre suas minhas vivências e sentimentos, percebi que pude criar um espaço de confissão, conforme discute Foucault (2009), que vê na escrita um instrumento de revelação ao leitor, livre de constrangimentos advindos da interação presencial. “O ato de escrever desempenha o papel de um companheiro, atenuando os riscos da solidão, ao oferecer a quem escreve um olhar potencial sobre o que foi visto ou pensado” (Foucault, 2009, p.130).

Essa autobiografia não é apenas um relato pessoal, mas também um manifesto em prol da comunidade surda, assim como o fez Shirley Vilhalva. Ao narrar minha história, evidencio o papel da autorrepresentação como meio de fortalecer a identidade surda e buscar inclusão em uma sociedade majoritariamente ouvinte. Com isso, eu destaco que, para além de minha individualidade, essa luta é pela coletividade. Minha participação em eventos, congressos e projetos voltados para a disseminação da Libras reflete meu compromisso com o fortalecimento da comunidade surda.

## **2 A narrativa autobiográfica e a construção de uma percepção de si**

A escrita autobiográfica adquiriu relevância histórica com as Confissões, de Santo Agostinho, e suas análises sobre a narrativa em primeira pessoa. Segundo Matthews (2007), seu estilo confessional de escrever, incluindo reflexões sobre sua vida interior, surpreende-nos hoje pelo seu aspecto marcadamente contemporâneo.

De acordo com Leonel e Segatto (2013), a escrita de pensamentos na autobiografia conecta-se à ficção, podendo ser identificados dois tipos: o convencional, em que o autor descreve sua vida de maneira fiel ou não; e o ficcional, onde os personagens são elaborados. Para esses autores, na autobiografia todas as experiências decorrem do que foi “plenamente vivido”. Assim, a distinção entre autobiografia convencional e ficcional está, principalmente, na vivência e experiência do autor em relação ao que é narrado. (Leonel; Segatto, 2013).

Na definição de Pérez Serrano (1994), uma autobiografia é uma narrativa que relata experiências, atitudes, aspirações e objetivos de um indivíduo ou grupo. Essa narrativa pode

abordar a própria história do narrador ou de outra pessoa, permitindo revisitar o passado e obter uma compreensão mais detalhada sobre práticas, aspirações, comportamentos e questões ligadas ao contexto comunitário. Autobiografias podem ser estruturadas, seguindo diretrizes específicas para apresentação sistemática, ou não estruturadas, quando indivíduos ou grupos compartilham livremente suas vivências e reflexões, sem orientações predefinidas.

Souza (2020) destaca que a pesquisa autobiográfica surge do próprio indivíduo e das várias formas que ele encontra para narrar suas experiências, delimitando espaços específicos para tal construção. Isso abrange considerações sobre a temporalidade das vivências, que são selecionadas para fins analíticos, como no exemplo de um período específico e uma prática social particular no contexto profissional. O objetivo é desenvolver um “conhecimento de si” (Souza, 2020), estreitamente vinculado ao paradigma qualitativo das Ciências Humanas, que remonta à sociologia compreensiva de W. Dilthey (1833–1911) e à antropologia de Geertz (1989), com sua noção de “descrição densa”.

Dessa forma, a pesquisa autobiográfica configura-se como uma abordagem frutífera, rompendo com o paradigma tradicional entre pesquisador e objeto de estudo, enfatizando a percepção, a compreensão e a interpretação das experiências humanas em uma realidade subjetiva (intra e intersubjetiva) (Souza, 2020). Assim, a narrativa autobiográfica emerge como um questionamento ao paradigma epistêmico predominante, principalmente no âmbito científico, onde ainda persiste a separação entre sujeito e objeto, mesmo nas ciências humanas.

### **3 A constituição de uma identidade surda**

Mas afinal, é possível definir o que é identidade? Como ela se manifesta? Luna e Baptista (2001) esclarecem que a identidade pode ser interpretada a partir de: (1) como nos enxergamos, ou seja, nossa autoimagem; (2) como somos percebidos pelos outros; e (3) de nossa interação com os demais, ou seja, a percepção do que acreditamos que os outros pensam sobre nós. Construir uma identidade implica em (re)negociar os sentidos atribuídos às nossas experiências de inserção em diferentes comunidades, através de um vínculo, em constante (re)definição, entre o social e o individual (Wenger, 1998).

Na era da globalização, o tema da identidade tem gerado intensos debates, com a expressão “crise de identidade” tornando-se cada vez mais comum. Segundo a visão de Hall (2001), a crise de identidade é um processo extenso de transformação que abala as estruturas essenciais que proporcionam aos indivíduos uma sensação de segurança e estabilidade nas suas posições sociais. Ao abordar essa questão específica, o autor reflete sobre três conceitos

distintos de identidade. O primeiro deles é a ideia do sujeito iluminista, fundamentada na concepção de um indivíduo coeso e centrado. Acredita-se que esse indivíduo possua um núcleo essencial, ou identidade, único e imutável, que se mantém constante ao longo do tempo. Essa visão de identidade é predominantemente individualista e se manteve relativamente estável ao longo da sua trajetória histórica.

O segundo conceito é o de sujeito sociológico, que reflete a complexidade do mundo moderno e o entendimento de que a identidade de um indivíduo resulta da interação entre ele e a sociedade. Contudo, o sujeito ainda se vê como ancorado em um centro ou núcleo fundamental – o self autêntico – que é formado e reformulado por meio de um diálogo contínuo com o ambiente cultural externo e o sentido de si mesmo que ele transmite. Em essência, o eu genuíno não é independente ou autossuficiente, mas sim moldado em relação com a cultura em que está inserido.

Um terceiro tipo é o sujeito pós-moderno, no qual, devido a transformações estruturais e institucionais, o processo de construção da identidade se torna instável e passageiro, resultando em uma identidade fluida e efêmera: “o sujeito adota identidades diferentes em momentos distintos, identidades que não são unificadas em torno de um ‘eu’ coerente” (Hall, 2001, p. 13). Para Hall (2001), a formação da identidade não é uma característica intrínseca, mas sim um processo gradual que ocorre de maneira inconsciente ao longo do tempo. Como nossas identidades estão em constante mudança, esse processo nunca se completa de maneira definitiva.

Nossa identidade não é definida apenas por nossas características pessoais, mas também pela maneira como nos apresentamos aos outros, com base nas expectativas e percepções que eles têm de nós. Dessa forma, atender às expectativas externas se torna um aspecto fundamental na construção de nossa identidade. A partir dessas contribuições de Hall (2001), passaremos a discutir a identidade surda, ou mais precisamente, as identidades surdas, uma vez que não existe uma única identidade surda.

De modo geral, ao falarmos em identidades surdas, nos referimos às formas como as pessoas surdas entendem sua própria surdez e a si mesmas dentro desse contexto, concepções que influenciam suas atitudes e comportamentos. A identidade surda é plural, englobando desde indivíduos surdos que assumem uma postura política em defesa dos direitos da comunidade surda e que vivenciam e valorizam sua cultura, até aqueles que tentam assimilar a cultura ouvinte e nela participar de acordo com suas próprias condições.

Para Hall (2006), ao falarmos em identidades surdas, nos referimos às formas como as pessoas surdas entendem sua própria surdez e a si mesmas dentro desse contexto, concepções que influenciam suas atitudes e comportamentos. A identidade surda é plural, englobando desde indivíduos surdos que assumem uma postura política em defesa dos direitos da comunidade surda e que vivenciam e valorizam sua cultura, até aqueles que tentam assimilar a cultura ouvinte e nela participar de acordo com suas próprias condições.

Nessa direção, Hall (2006) contribui ao compreender a identidade como um processo múltiplo, marcado por deslocamentos, contradições e negociações constantes entre diferentes posições de sujeito. Aplicando essa perspectiva ao Povo Surdo, podemos entender que não existe uma única forma correta de ser surdo, mas diferentes modos de se posicionar em relação à surdez, à língua de sinais, à cultura surda e à cultura ouvinte, os quais são atravessados por histórias de vida, experiências educacionais, contextos familiares e relações de poder que moldam essas identidades em permanente construção.

Vamos começar pela definição de "pessoa surda", conforme estabelecido no artigo 2º do Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002 sobre a Libras. Nele, lemos que: Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, devido à perda auditiva, percebe e interage com o mundo por meio de experiências visuais, expressando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Define-se deficiência auditiva como a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, medida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz (Brasil, 2005).

Um dos fatores históricos de discriminação contra os surdos foi a linguagem. O fato de termos uma lei que, em 2002, reconheceu a língua de sinais como língua oficial tem implicações significativas não apenas no campo linguístico e cognitivo, mas também no social.

Cumprir as normas sociais estabelecidas pela maioria é visto como conformidade com a linguagem e a participação na norma, enquanto a não conformidade implica a ausência dessa linguagem e tudo o que ela envolve, incluindo comunicação, cognição e aprendizagem. Essa "normalidade" se transforma quando a língua de sinais é reconhecida como a língua legítima da comunidade surda, permitindo que indivíduos surdos sejam vistos como capazes de usar linguagem e transformando a "anormalidade" em uma diferença que, em essência, se torna um "novo normal".

Indivíduos sem familiaridade com a Libras enfrentariam grandes dificuldades para integrar-se nessa rede. Barreiras de comunicação, preconceitos e exclusão social são fatores que dificultam essa integração. Contudo, essas barreiras se tornam ainda mais evidentes quando se

observa a comunicação fluente que existe entre aqueles que dominam a língua de sinais, o que leva, muitas vezes, a um isolamento imediato e involuntário. Optar pelo termo "surdo" em vez de "deficiente auditivo" é uma escolha importante. Essas terminologias apontam para a necessidade de reconhecer não apenas as distinções, mas também as dificuldades que emergem dessas diferenças. Indivíduos que nascem surdos possuem uma percepção única do mundo, distinta daqueles que ouvem (Porto, 2014; Porto, 2018; Porto; Amantes, 2021; Porto; Santana, 2024).

Aceitar a identidade surda é essencial, pois sua negação pode resultar em sentimentos de frustração, vergonha e rejeição. Ignorar a própria surdez é esconder uma parte fundamental da identidade. Existem estudos sobre surdez que se concentram na ideia de que as identidades se restringem a dois extremos: ouvintes ou surdos. A identidade é sempre forjada no contexto de um grupo ao qual o indivíduo pertence, diferenciando-o de outros grupos e, assim, estabelecendo uma relação negativa entre eles.

Ao abordar a surdez, o termo "cultura" se refere a um conjunto de componentes variados, incluindo a língua de sinais, as técnicas sociais e os mecanismos adaptativos usados pelos surdos para interagir com o mundo, além de outras práticas, como o uso de despertadores vibratórios, interruptores de luz, aplicativos de rede social, tal como WhatsApp, Telegram, dentre outros, em vez de telefones e até mesmo a maneira como as piadas são contadas dentro da comunidade surda.

Indivíduos surdos são frequentemente bilíngues e biculturais, o que significa que possuem um conjunto único de referências à história surda, um conjunto compartilhado de significados simbólicos transmitidos pela língua de sinais e um conjunto específico de normas e estratégias sociais, enquanto coexistem em uma sociedade predominantemente ouvinte.

A defesa da cultura surda vai além da simples luta pelos direitos ou pela melhoria do bem-estar. Trata-se de um movimento que busca transformar as estruturas de desigualdade que têm sido perpetuadas contra a comunidade surda.

#### **4 Delineamento metodológico**

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, adotando a história de vida como método investigativo e utilizando a narrativa autobiográfica como estratégia para a construção das fontes de dados. Esse processo de biografização permitiu organizar as vivências, interpretá-las e atribuir-lhes significados.

A pesquisa qualitativa, entendida como uma atividade contextualizada, busca descrever e interpretar eventos e sentidos na vida das pessoas, permitindo que o/a pesquisador/a se situe no mundo enquanto dá visibilidade a ele, convertendo-o em uma série de representações que visam compreender os significados atribuídos a ele (Denzin; Lincoln, 2006).

O método autobiográfico foi escolhido como abordagem metodológica devido às suas características particulares, que permitem explorar pensamentos e ideias, levando a reflexões críticas a partir da narrativa, com a premissa de que reflexão e autorreflexão são motores para a ação e transformação. A escolha também se justifica por sua natureza qualitativa, que valoriza a autonomia e a subjetividade do autor, oferecendo uma análise aprofundada do tema. Além disso, esse método ressalta a vivência do pesquisador, estabelecendo uma relação direta com os fatos investigados.

A coleta dos dados para esta pesquisa ocorreu por meio da narrativa autobiográfica, uma ferramenta que possibilita relatar a história pessoal e, assim, captar como os indivíduos se constituem e atribuem significados às suas experiências ao longo de uma sequência temporal (Huberman, 2005). Ao produzir uma narrativa autobiográfica, cria-se uma representação de si mesmo, constituindo uma maneira de dar forma à própria existência, às escolhas feitas ao longo da vida e aos valores que orientaram essas decisões (Catani; Vicentini, 2003).

A análise narrativa foi realizada através de leituras sistemáticas do texto, com o intuito de compreender como minha autorrepresentação, enquanto pessoa surda, pode atuar como um instrumento de inclusão e fortalecimento para outros surdos na esfera social. Nesta pesquisa, não foram definidas categorias a priori, evitando que elas direcionassem a escrita da narrativa, considerando que exerço simultaneamente o papel de pesquisador e informante no processo.

Assim, a análise narrativa foi conduzida por meio de leituras sistemáticas do texto e da bricolagem conceitual, permitindo a extração de elementos de diversas áreas para compor um conjunto de representações que auxiliasse na interpretação das múltiplas realidades construídas por mim em meu percurso enquanto surdo, imerso em contextos sociopolíticos, culturais e educacionais os mais diversos. E, a partir destas análises, emergiram duas categorias analíticas: (i) Experiência e construção de Identidade Surda e (ii) Luta por inclusão e reconhecimento de direitos.

## **5 Resultados e discussão**

### **5.1 Experiência e construção de identidade surda**

A minha trajetória como pessoa surda reflete os desafios e as conquistas que marcaram minha identidade ao longo do tempo. Venho de uma família ouvinte composta por meus pais e três irmãos. Sou o único surdo entre eles, uma condição adquirida na primeira infância devido a complicações de saúde.

Após consultas médicas, não foi possível diagnosticar corretamente a minha saúde. Por volta de 1 ou 2 anos de idade, meus pais perceberam que eu não ouvia, embora respondesse a estímulos visuais. Minha mãe me chamou pelo apelido “Bel” repetidamente, mas percebeu que eu não reagia ao som. Levou-me então a um otorrinolaringologista, onde fiz exames de audiometria, e foi confirmada a perda auditiva. Por exemplo: *“Minha mãe percebeu filho ouvinte nada. Minha mãe vai combinar para fonoaudiologia no otorrino e exame de audiometria. Médico vê exame de relatório uma perda surdez e dizia mãe seu filho não escuta”* (Pesquisador, 2023)<sup>6</sup>.

Com isso, eu destaco o momento de descoberta da surdez, marcado pela percepção de minha mãe e a busca por diagnósticos médicos. Assim, eu enfatizo o papel da minha família como mediadora inicial no processo de adaptação à surdez, buscando soluções práticas, como o uso de aparelhos auditivos, embora sem conhecimento inicial sobre Libras.

A descoberta da surdez trouxe novas dinâmicas para minha família e para minha vida. Minha mãe, ao perceber que eu não respondia a estímulos sonoros, buscou auxílio médico e apoio especializado. Minha mãe, determinada a garantir minha inclusão social e educacional, procurou uma escola que pudesse me atender, como não encontrou uma escola dessa natureza fui matriculado em uma Clínica de Reabilitação. Seu objetivo era oferecer inclusão para pessoas com deficiência, surdos, neurodivergentes, com síndrome de Down, dentre outros. Ali, tive contato com atividades como fonoaudiologia, fisioterapia, pedagogia e artes.

Lembro-me de momentos marcantes com colegas surdos e ouvintes, compartilhando brincadeiras e aprendizados. Por exemplo, *gostei compartilhado brincar as colegas de roda de cadeira e um colega de garoto síndrome de Down* (Pesquisador, 2023).

Nessa experiência na Clínica de Reabilitação, eu destaco o impacto positivo da convivência com outros sujeitos com deficiência, reforçando a identidade surda em um espaço inclusivo e acolhedor. O compartilhamento de brincadeiras e aprendizados em grupo evidencia

---

<sup>6</sup> Considerando que este estudo se configura como uma pesquisa autobiográfica, nas falas do pesquisador surdo optamos por manter na íntegra seu modo de escrita na interlíngua Língua Portuguesa-Libras. Buscando ser fiel ao modo de escrita e preservar a sua identidade surda em seus textos escritos.

a importância de ambientes que promovam a interação e a troca de experiências entre diferentes realidades.

Esse ambiente foi um marco inicial em minha inserção social, oferecendo recursos como fonoaudiologia, pedagogia e educação física, além de promover o contato com colegas surdos. Foi nesse contexto que comecei a construir uma relação com a comunidade surda e a descobrir o valor da comunicação visual, fortalecendo minha identidade cultural e linguística. *“Minha professora de pedagogia me ensinou a escrever alfabeto, numeral e aprender leitura de livro de história na turma de sala” (Pesquisador, 2023).*

Essa foi uma das memórias mais significativas. Também aprendi, com fonoaudiólogos, a emitir sons e a compreender o sentido das palavras por meio da vibração, como no tambor. No entanto, devido a dificuldades financeiras, a escola foi fechada, interrompendo meu desenvolvimento educacional naquele ambiente inclusivo.

Com isso, eu destaco o papel central dos professores no desenvolvimento das minhas primeiras habilidades comunicativas e educacionais, ainda que em um contexto não bilíngue. Também expresso a valorização da educação como um espaço de aprendizado que vai além do conteúdo pedagógico, influenciando a formação cultural e identitária (Porto, 2018; Porto; Santana, 2024).

Minha experiência educacional inicial foi enriquecedora. Professores e especialistas da clínica me ensinaram não apenas habilidades básicas como leitura, escrita e atividades artísticas, mas também a importância da interação visual e do trabalho em grupo. Porém, a interrupção das atividades da escola devido a dificuldades financeiras me afastou desse espaço de inclusão, marcando o início de novos desafios.

A formação da minha identidade surda foi profundamente influenciada pela Libras, que se tornou um elemento central da minha comunicação e expressão cultural. Com o tempo, compreendi a importância de estar inserido em uma comunidade que compartilhasse experiências visuais e que valorizasse as singularidades da cultura surda. Essa convivência não só me fortaleceu como indivíduo, mas também me preparou para lidar com os desafios de um mundo predominantemente ouvinte.

A educação bilíngue é essencial para os surdos. A Lei 10.436, de 2002, reconheceu a Libras como meio de comunicação oficial no Brasil, e o Decreto 5.626, de 2005, determinou que a educação de surdos no país fosse bilíngue, com Libras como primeira língua e o português escrito como segunda (Porto, 2014; Porto, 2018; Porto; Amantes, 2021; Porto; Santana, 2024).

Apesar dessas conquistas, na minha trajetória educacional enfrentei inúmeras barreiras. Ao ser transferido para escolas regulares, senti a exclusão devido à ausência de intérpretes de Libras e adaptações para minha comunicação. *“Acostumei aquisição de linguagem surda visual motora, interesse cultura surda, identidade surda esforçado foco de língua portuguesa”* (Pesquisador, 2023).

Com isso, eu reforço a apropriação da Libras como elemento central da identidade surda. A linguagem surda visual motora é posicionada como um recurso essencial para a comunicação e a expressão do sujeito surdo, enquanto a relação com a língua portuguesa é apresentada como um desafio e uma segunda etapa no processo de alfabetização.

De acordo com Perlin (1998), os surdos possuem uma identidade surda, que, no entanto, se manifesta de maneiras distintas, pois está intimamente ligada à linguagem. A linguagem, por sua vez, não é um referente fixo, mas é construída a cada interação entre os sujeitos. Seus significados variam conforme o tempo, os grupos culturais, o contexto geográfico, o período histórico e os próprios indivíduos, entre outros fatores. Silva (1994) afirma que a linguagem deve ser vista como um processo em constante fluxo, sempre indeterminada, incapaz de apreender de forma definitiva qualquer significado que a anteceda e ao qual estaria, de forma inequívoca, vinculada.

Durante o ensino fundamental e médio, estudei em escolas, onde a comunicação era majoritariamente oral. Isso dificultava minha interação com professores e colegas. Ainda assim, perseverei nos estudos, concluindo o ensino médio e enfrentando os desafios de provas como o vestibular e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

A inserção na universidade também foi repleta de dificuldades. Embora eu tenha ingressado na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) como técnico universitário, faltava acessibilidade para surdos no ambiente acadêmico. Diversas reuniões e atividades ocorriam sem intérpretes, tornando a comunicação desafiadora e gerando sentimentos de exclusão. Apesar disso, continuei minha formação, participando de cursos como fotografia e especializações.

Essa ausência sistemática de intérpretes no ensino superior evidencia que a acessibilidade linguística ainda é tratada como algo secundário e não como um direito fundamental do Surdo (Quadros, 2004). Quando reuniões, cursos, formações e espaços decisórios ocorrem sem mediação em Libras, não se trata apenas de uma dificuldade pontual de comunicação, mas de um mecanismo de exclusão que reafirma a centralidade da norma ouvinte na universidade.

A instituição, ao não garantir intérpretes de forma contínua e estruturada, produz uma participação surda marcada pela fragmentação: o sujeito é convocado a estar presente, mas não lhe são dadas as condições plenas de compreender, opinar e intervir. Essa contradição evidencia que o ingresso formal de pessoas surdas na universidade não é suficiente; sem políticas linguísticas efetivas, a inclusão permanece retórica, e a experiência acadêmica dos sujeitos surdos continua atravessada por barreiras que os empurram para uma posição de margem, ainda que ocupem cargos, frequentem cursos e busquem qualificação profissional (Lacerda, 2006; Skliar, 1998).

Minha trajetória destaca a relevância das experiências vividas na construção de sua identidade surda. Desde a infância marcada pela incompreensão de minha condição, passando pela dificuldade de comunicação e pela exclusão social, até o encontro com a língua de sinais e a comunidade surda, todos os eventos desempenham papel crucial na formação de quem eu me tornei.

De acordo com Perlin (1998), a identidade surda não é estática, mas dinâmica e multifacetada, variando conforme as experiências de cada indivíduo. Desse modo, ressalto que minha identidade se consolidou ao longo de minha trajetória, especialmente através de minha interação com a comunidade surda e o reconhecimento de minhas próprias capacidades e potencialidades.

O sentimento de pertencimento proporcionado pela comunidade surda e pela língua de sinais marcou um renascimento pessoal. Essa vivência me permitiu reconhecer o valor da minha identidade surda e transformá-la em ferramenta de mobilização social, promovendo a disseminação da Libras e incentivando outros surdos a se afirmarem em seus direitos linguísticos e culturais (Porto, 2018; Porto; Santana, 2024).

Minha trajetória reflete a luta pela acessibilidade e pelo reconhecimento dos direitos dos surdos. Quero contribuir para um mundo mais inclusivo, trabalhando como professor de Libras e compartilhando vivências em oficinas, palestras e atividades pedagógicas. Acreditar na educação bilíngue e lutar pela implementação da Libras em todos os espaços educacionais é fundamental para garantir que outros surdos possam trilhar caminhos menos desafiadores e mais inclusivos.

Hoje, visualizo um futuro em que a inclusão seja mais que um ideal: seja prática consolidada nas escolas, universidades e no mercado de trabalho, permitindo que pessoas surdas vivam plenamente e sejam reconhecidas por suas capacidades, talentos e contribuições para a sociedade.

## 5.2 Luta por inclusão e reconhecimento de direitos

Apesar dos avanços legais, como a Lei 10.436/2002 e o Decreto 5.626/2005, a inclusão efetiva ainda enfrenta barreiras significativas no Brasil (Ribeiro; Duboc; Porto, 2020; Porto; Duboc; Ribeiro, 2021; Ribeiro; Porto; Duboc, 2023). Minha trajetória educacional em escolas regulares evidenciou a dificuldade de garantir acessibilidade e igualdade de oportunidades para estudantes surdos. Na Escola Municipal e, posteriormente, no Colégio Estadual, uma escola comum, cuja ausência de intérpretes de Libras e de materiais adaptados tornava a comunicação um grande obstáculo.

Eu me via sozinho, tentando acompanhar aulas ministradas exclusivamente em português oral, sem qualquer suporte que considerasse minhas necessidades específicas. *“Difícil ser surdo aluno começando uma aula de classe na escola municipal, faltando informação de acessível de intérprete de libras obrigação de LBI para diretor de escola municipal”* (Pesquisador, 2023).

Com isso, eu venho denunciar a ausência de recursos acessíveis nas escolas regulares, como intérpretes de Libras, apontando para o descumprimento das normas previstas na Lei Brasileira de Inclusão (LBI). Esse cenário ilustra as dificuldades enfrentadas por alunos surdos em ambientes educacionais que não reconhecem plenamente suas necessidades. (Porto; Santana, 2024) *“Quase eu desisti da escola, minha mãe mandou que vai se escola fosse a obrigação mais importante para o nível fundamental”* (Pesquisador, 2023)

Assim, eu consigo perceber o impacto emocional da exclusão escolar sobre mim, levando-me a considerar o abandono dos estudos. A resistência ao abandono, impulsionada pelo apoio familiar, destaca a importância da rede de suporte para a permanência e o progresso educacional do sujeito surdo (Porto, 2018). *“Não tem acompanhado o acesso de intérpretes de Libras difícil igual também as escolas municipais e escola pública”* (Pesquisador, 2023).

Com essa questão, eu venho explicitar a falha estrutural do sistema educacional em garantir o acesso à comunicação para surdos. A ausência de intérpretes é apresentada como um problema recorrente em diversas instituições, reforçando o desafio de conquistar igualdade de oportunidades (Porto, 2014).

As dificuldades de comunicação afetavam não apenas meu desempenho acadêmico, mas também minha interação social com colegas e professores. Frequentemente, sentia-me isolado e desamparado, uma realidade compartilhada por muitos surdos em ambientes educacionais majoritariamente ouvintes. Ainda assim, com o apoio de minha família e de alguns colegas,

perseverei nos estudos, concluindo o ensino médio e participando de exames como o Enem e vestibulares, mesmo sem a presença de intérpretes ou políticas de apoio adequadas.

O sentimento de pertencimento proporcionado pela comunidade surda e pela língua de sinais marcou um renascimento pessoal. Essa vivência me permitiu reconhecer o valor de sua Identidade Surda e transformá-la em ferramenta de mobilização social, promovendo a disseminação da Libras e incentivando outros surdos a se afirmarem em seus direitos linguísticos e culturais.

Destaco momentos importantes em minha trajetória, como o ingresso na universidade e as dificuldades enfrentadas durante sua formação acadêmica, sobretudo no que se refere às barreiras linguísticas com professores e colegas. Ainda assim, contei com o apoio de pessoas que reconheceram meu potencial e me incentivaram a seguir em frente. *“Eu sinto danos morais falta acesso de intérpretes de Libras difícil a todos colegas de funcionário público na universidade” (Pesquisador, 2023).*

Venho destacar que esse problema também abrange o mercado de trabalho, evidenciando a exclusão de surdos mesmo em espaços que deveriam ser inclusivos, como universidades. A falta de intérpretes compromete a participação plena dos surdos no ambiente profissional, gerando sentimentos de isolamento e frustração.

Desse modo, tenho buscado me engajar em diversas iniciativas, tanto educacionais quanto sociais, para fortalecer a comunidade surda. Essa luta por inclusão não se restringiu ao ambiente escolar. Durante minha inserção ao mercado de trabalho, enfrentei as mesmas limitações. Como técnico universitário na Universidade Estadual de Feira de Santana, vivenciei a falta de acessibilidade em reuniões e eventos institucionais, o que gerava exclusão e comprometia meu desempenho profissional (Ribeiro; Duboc; Porto, 2020; Porto; Duboc; Ribeiro, 2021; Ribeiro; Porto; Duboc, 2023). A ausência de intérpretes de Libras nas atividades diárias dificultava a comunicação com colegas e gestores, evidenciando o longo caminho que ainda precisa ser percorrido para garantir igualdade de condições para pessoas surdas (porto, 2018).

Apesar dessas dificuldades, busquei me adaptar e contribuir para a valorização da comunidade surda. Participei de cursos como fotografia e me engajei em ações que promovem a cultura surda, como oficinas, palestras e eventos inclusivos.

A luta pelo reconhecimento dos direitos das pessoas surdas é, ao mesmo tempo, uma reivindicação por acessibilidade e uma celebração da identidade visual e cultural que nos define.

“Hoje, imaginei fazer o curso de mestrado profissional em Educação, Científico, Inclusão e Diversidade porque eu trabalho como professor de Libras” (Pesquisador, 2023).

Eu quero reforçar que a minha superação individual e a busca por um futuro mais inclusivo, sempre me fizeram refletir e a me posicionar como agente de transformação, uma vez que este sonho de ingressar no mestrado foi concretizado e eu o concluí. Essa reflexão está em consonância com autores pós-estruturalistas, os quais discutem a identidade surda a partir de uma perspectiva política, colocando as relações de poder no centro da discussão. Neste interim, podemos trazer ao centro da discussão a compreensão sobre alteridade.

Bhabha (1994, p. 180) aborda a alteridade por meio da cultura. Para o autor, a alteridade cultural atua como o momento da presença na teoria do *différance*. O destino da insatisfação encontra seu preenchimento no reconhecimento da alteridade como um símbolo (e não um signo) da presença da significação do *différance*. A alteridade representa o ponto de equivalência ou identidade em um currículo onde aquilo que precisa provar seus limites é assumido. Desconsidera-se qualquer compreensão da alteridade cultural como um signo diferencial, sugerindo condições historicamente e discursivamente determinadas que demandam a construção de práticas e interpretações alternativas.

Com base em Bhabha (1994), compreendo a alteridade como uma estratégia que possibilita aproximar as dinâmicas de dependência e resistência culturais enquanto surdo. Nesse contexto, entram aspectos específicos do surdo: sua história, a questão linguística da língua de sinais, a necessidade de comunicação visual, o uso das mãos para sinalizar, a arte e a educação especializada.

Todos esses signos/significados que constituem a identidade surda são símbolos para a construção de sentido do sujeito surdo. No entanto, tais significados representam alternativas que aproximam o específico do sujeito surdo. Um encontro com essas particularidades que formam a identidade surda deixa um rastro de significado para o indivíduo surdo, que, então, segue essas especificidades, encontrando-se. Essas especificidades preveem que a pessoa surda "não é algo vazio", mas sim um indício de uma totalidade significativa.

Esse processo de identificação do pensamento surdo é viabilizado pela alteridade. O que é essencial para a constituição da identidade também é essencial para a comunidade surda. Assim como toda identidade cultural possui uma história, o processo histórico da comunidade surda foi sendo moldado à medida que se moldava a identidade surda. O encontro com a alteridade é o sinal específico para a formação de diferentes identidades. Na comunidade surda, esse encontro com a alteridade se torna uma necessidade constante.

Na cultura surda, a alteridade vai sendo construída, entre outros aspectos, a partir da própria construção da identidade. E essa composição de identidade reflete em meu espaço de interação social, como também na minha formação acadêmica. Isso em mim fica muito evidente quando busquei trilhar pelo caminho da pós-graduação, a nível de mestrado profissional.

A escolha do mestrado em áreas relacionadas à educação inclusiva não foi à toa, pois eu sempre defendi o compromisso com a promoção de mudanças estruturais e a luta pelos direitos da comunidade surda. E, hoje, tendo finalizado o mestrado profissional em Educação Científica, Inclusão e Diversidade, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), e sendo o primeiro estudante surdo a concluir um curso de pós-graduação na universidade só reforçam a minha vontade de contribuir com toda a comunidade surda, principalmente daqueles que ainda não chegaram no patamar em que cheguei. Dizer, sim, que é possível superar todas as adversidades do caminho e alcançar êxito na busca de seus sonhos.

É importante destacar que as trajetórias não são concebidas como percursos lineares, destinos determinados ou caminhos previsíveis. Pelo contrário, são movimentos constantes que, embora possuam sua própria dinâmica, estão sujeitas às influências dos contextos socioculturais e históricos. Esses movimentos apresentam uma coerência que, ao longo do tempo, conecta o passado, o presente e o futuro (Delory-Momberger, 2011; Wenger, 1998).

Nos referidos contextos socioculturais e históricos, entendidos como os ambientes em que vivemos, e com os quais nossas experiências se realizam de forma significativa, vivenciamos o cotidiano, interagimos com outras pessoas e negociamos sentidos que vão desconstruindo e reconstruindo quem somos (Wenger, 1998). Segundo o autor, esses sentidos não são previamente estabelecidos nem meramente inventados; eles emergem de nossas relações sociais. São resultados de processos contínuos de interação, que geram vivências de significado ao mesmo tempo históricas e dinâmicas, situadas e singulares. Por isso, pode-se afirmar que viver consiste em uma sequência ininterrupta de negociação de sentidos.

## **6 Considerações finais**

Ao compartilharmos nossas vivências, transformamo-nos, tornamo-nos diferentes, e, assim, recriamos nossas trajetórias (Suárez, 2010). Assim, destaco que minha trajetória como indivíduo surdo é marcada pela busca incessante por inclusão e pelo fortalecimento de minha identidade cultural e linguística. A Libras teve um papel fundamental em minha caminhada, permitindo-me interagir com a comunidade surda e enfrentando os desafios de uma sociedade majoritariamente ouvinte. Contudo, minha experiência também revela a necessidade urgente de

políticas públicas eficazes que assegurem acessibilidade em todas as esferas da sociedade, desde a educação até o mercado de trabalho.

Atualmente, minha luta é por um futuro mais inclusivo, no qual as pessoas surdas sejam plenamente valorizadas por suas habilidades e talentos, sem enfrentarem barreiras que limitem suas realizações. Desejo contribuir para esse futuro por meio da educação e do compartilhamento de experiências, colaborando na construção de uma sociedade mais justa, acessível e acolhedora para as diferenças.

Ao revisitar minha história de vida e a construção da minha identidade surda, destaco momentos marcantes de superação, como meu ingresso na universidade e os desafios enfrentados durante minha formação acadêmica, principalmente relacionados às barreiras linguísticas com docentes e colegas. Felizmente, contei com o apoio de pessoas que acreditaram em meu potencial e me incentivaram a seguir adiante.

Ressalto que o fortalecimento da identidade surda é um processo contínuo e transformador. A aquisição da língua de sinais foi um ponto de virada em minha jornada, permitindo-me acessar informações, estabelecer conexões significativas e, finalmente, integrar-me plenamente à sociedade. A língua de sinais não é apenas um meio de comunicação, mas também um elemento essencial da cultura e identidade da comunidade surda. Essa compreensão embasa minha militância pela valorização e promoção da Libras, bem como pela luta pelo reconhecimento dos direitos linguísticos das pessoas surdas.

Por fim, espero que este texto contribua para uma compreensão mais profunda sobre os obstáculos enfrentados pelas pessoas surdas, especialmente no que diz respeito à comunicação e acessibilidade, reforçando a relevância da língua de sinais como componente essencial na construção da identidade surda. Que ele sirva, ainda, como um convite à sociedade para valorizar e respeitar as diferenças culturais e linguísticas da comunidade surda.

## Referências

ABREU, A. R. P. de. **Educação inclusiva de crianças e adolescentes com deficiência e a proteção integral: análise do art. 28 da Lei n. 13.146/2015**. 2016. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais – Direito) – Centro de Ciências Jurídicas e Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, Sousa, 2016.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOHNEN, N. T. **A jornada do herói: a narrativa autobiográfica na construção da identidade profissional do professor**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade

Federal de Goiás, Goiânia, 2011. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/2404>. Acesso em: ago. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Brasília, DF: Presidência da República, 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100002>. Acesso em: set. 2024.

CATANI, D. B.; VICENTINI, P. P. "Minha vida daria um romance": lembranças e esquecimentos, trabalho e profissão nas autobiografias de professores. In: MIGNOT, A. C. V.; CUNHA, M. T. S. (org.). **Práticas de memória docente**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 149-166.

CROTTY, M. **The foundations of social research: meaning and perspective in the research process**. London: Sage, 1998.

DELORY-MOMBERGER, C. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 333-346, abr. 2011.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DORZIAT, A. Deficiente auditivo e surdo: uma reflexão sobre as concepções subjacentes ao uso dos termos. 2002. Disponível em: [http://www.geocities.com/flordepessegueiro/html/surdez/deficiente\\_auditivo\\_e\\_surdo.htm](http://www.geocities.com/flordepessegueiro/html/surdez/deficiente_auditivo_e_surdo.htm). Acesso em: set. 2024.

FINGER, M.; NÓVOA, A. Introdução. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988. p. 9-16.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 2009.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUBERMAN, M. Trabajando con narrativas biográficas. In: MCEWAN, H.; EGAN, K. (comps.). **La narrativa en la enseñanza, el aprendizaje y la investigación**. Buenos Aires: Amorrortu, 2005. p. 183-235.

LACERDA, C. B. F. de. A inserção da criança surda em classe de crianças ouvintes: focalizando a organização do trabalho pedagógico. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 26, n. 69, p. 163-184, 2006.

LAWN, M. Os professores e a fabricação de identidades. **Currículo sem Fronteiras**, v. 1, n. 2, p. 117-130, jul./dez. 2001.

LEONEL, M. C.; SEGATTO, J. A. Considerações sobre autobiografia. In: LEONEL, M. C.; GOOBI, M. V. Z. **Estudos literários: modalidades da narrativa**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

LOPES, M. C. A natureza educável do surdo: a normalização surda no espaço da escola de surdos. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (org.). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

LYOTARD, J. **La condición postmoderna: informe sobre el saber**. Tradução de Mariano Antolín Rato. 2. ed. Buenos Aires: Red Editorial Iberoamericana, 1991.

MATTHEWS, G. B. **Santo Agostinho: a vida e as ideias de um filósofo adiante de seu tempo**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

MCCLEARY, L. O orgulho de ser surdo. In: Encontro Paulista entre Intérpretes e Surdos, 1., 17 maio 2003, São Paulo. **Anais**. São Paulo: FENEIS-SP; Faculdade Sant'Anna, 2003.

PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PERLIN, G. In: QUADROS, R. (org.). **Estudos surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

PÉREZ SERRANO, G. **Investigación cualitativa: retos e interrogantes. II. Técnicas y análisis de datos**. Madrid: La Muralla, 1994.

PORTO, K. S.; AMANTES, A. O entendimento de surdos e ouvintes sobre conceitos de Cinemática em um estudo dirigido. **Revista Praxis**, v. 13, n. 25, 2021. DOI: <https://doi.org/10.47385/praxis.v13.n25.1341>.

PORTO, K. S.; DUBOC, M. J. O.; RIBEIRO, S. L. Educação do campo e inclusão de alunos com deficiência: percepções e práticas docentes. **Educação em Foco**, v. 24, n. 42, p. 110-133, 2021. DOI: <https://doi.org/10.24934/eef.v24i42.4836>.

PORTO, K. S.; SANTANA, L. S. As práticas pedagógicas de professores da Educação Básica e suas contribuições na aprendizagem de estudantes surdos. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 31, e15348, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5335/rep.v31.15348>.

REIS, F. **Professor surdo: a política e a poética da transgressão pedagógica**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/88409>. Acesso em: ago. 2023.

RIBEIRO, M. C. A. **Surdos: linguagem, discurso e educação**. Montes Claros: Unimontes, 2006.

RIBEIRO, S. L.; DUBOC, M. J. O.; PORTO, K. S. Docência no ensino superior em tempos de inclusão educacional: um convite à reflexão. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, v. 10, n. 2, 2020. DOI: <https://doi.org/10.30681/ecs.v10i2.3903>.

RIBEIRO, S. L.; PORTO, K. S.; DUBOC, M. J. O. A (in)visibilidade da violência no cotidiano escolar dos alunos cegos. **Revista Contexto & Educação**, v. 38, n. 120, e10086, 2023. DOI: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2023.120.10086>.

SKLIAR, C. (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SUÁREZ, D. H. Políticas de narración, conocimiento y subjetividad: la investigación (auto)biográfica en educación. **Revista Mexicana de Investigación Educativa**, México, v. 15, n. 44, p. 13-31, 2010.

SOUZA, E. C. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

SOUZA, E. C. de. Investigación (auto)biográfica como acontecimiento: contexto político y diálogos epistémico-metodológicos. **Márgenes: Revista de Educación de la Universidad de Málaga**, Málaga, v. 1, n. 3, p. 16-33, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.24310/mgnmar.v1i3.9613>. Acesso em: 15 ago. 2023.

STRÖBEL, K. **Surdos: vestígios culturais não registrados na história**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

VILHALVA, S. **Despertar do silêncio**. Florianópolis: Editora Arara Azul, 2004.

WENGER, E. **Communities of practice: learning, meaning, and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.